

O Perfume ou o ignorado na cultura

Márcio Boaventura Jr.*



Resumo: A proposta do artigo é analisar o filme “*Perfume, a história de um assassino*” de Tom Tykwer sob o ponto de vista da psicanálise e da educação. Para tanto, buscamos debater o mal-estar na cultura, especialmente suas manifestações nas salas de aula, a partir dos diversos pontos do enredo em que podemos ilustrar o que Freud argumentou em sua tese sobre o tema.

Palavras-chave: Psicanálise; Educação, Mal-estar na cultura; Perfume, a história de um assassino.

Abstract: This article is intended to analyze Tom Tykwer's film *Perfume: The Story of a Murderer* (2006) under an educational and psychoanalytical perspective. Therefore we try to question cultural discontentment, mostly its manifestations in class, depicting the plot's many points of view to illustrate Freud thesis' arguing on the subject.

Key words: Psychoanalysis; Education, Discontentment in culture; Perfume: The Story of a Murderer.



* **MÁRCIO BOAVENTURA JR.** é Pedagogo e Advogado, Bolsista-mestrando do CNPq, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: marcioboaventura@gmail.com



Independente do ângulo que utilizarmos para analisar *Perfume, a história de um assassino* de Tom Tykwer, encontraremos sempre presente a marca da ambivalência, o signo da tragédia. O filme é um conto paradoxal que nos fala algo sobre o aroma perdido dentro do odor da cultura. Talvez aí esteja o nosso primeiro ponto de contato com a obra freudiana *O mal-estar na Cultura* (1929) que também, de certo modo, fala desses pulsos que invadem o campo social transformando-o num cenário privilegiado da luta entre as pulsões. Ambas as obras tratam da morte e destruição, do trágico e da violência que todo ser humano tenta sempre negar ou conjurar. Podemos ir ainda mais longe e comparar a poética do filme com o cotidiano das escolas, onde os valores sociais hegemônicos defendidos e propagados pelas instituições escolares chocam-se de frente com a irrupção das pulsões sexuais de seu público. Onde o cheiro da diferença se enfraquece frente à forte essência do modelo clássico educacional.

O filme em questão narra a história de Jean Baptiste Grenoville, um jovem que marcaria seu tempo por trazer em si uma capacidade há muito abandonada pela humanidade, o primado do olfato. O conto tem como cenário a França de meados do séc. XVIII, quando os ideais republicanos começavam a se esboçar como modelo social. São esses os mesmos ideais que continuam a impregnar o ambiente escolar e,

segundo Pereira (2003), conduz-nos a pensar na “norma, na regra, na universalidade do social, mesmo lidando com sujeitos em suas efetivas particularidades”.

A fotografia do filme traz elementos bucólicos, visualmente quase entorpecentes, enaltecendo o dom da nossa visão, narrando uma cidade parisiense que sofria os dilemas de um crescimento exacerbado, da pobreza, da sujeira e da superpopulação. Questões essas bastante similares às que vivemos atualmente.

É nesse contexto que, em 1738, na parte mais pobre da cidade onde se localizava o Mercado de Peixes, famoso por sua coletânea de odores quase insuportável para qualquer humano ordinário, nascia nosso anti-herói (ou diríamos herói?). Talvez afetado pelos odores que sentiu logo ao nascer, Jean recebeu dos deuses antigos um dom – ou maldição – que o tornaria daí em diante um ser impar em nossa sociedade. Ele seria capaz de transitar entre mundos, guiado por um paradigma considerado inferior (ou pelo menos muito estranho) para o resto da humanidade: um olfato refinado. Ao invés de deixar-se direcionar e relacionar pelo olhar, Jean “veria” o mundo pelo nariz.

Há muito nós humanos deixamos de nos guiar pelo odores. Segundo Henri Rey-Flaud (2002), Freud, inspirado nas teorias de Darwin, concebe como a ereção na vertical realizada no curso da evolução da espécie introduziu o animal humano na falta do objeto e no princípio da linguagem representativa. Para Freud, o homem primitivo era governado pelas necessidades biológicas imediatas, nas quais o instinto sexual era regido por uma periodicidade orgânica. Dessa forma, o ciclo menstrual feminino era um sinal biológico que inseria no animal humano macho uma reação

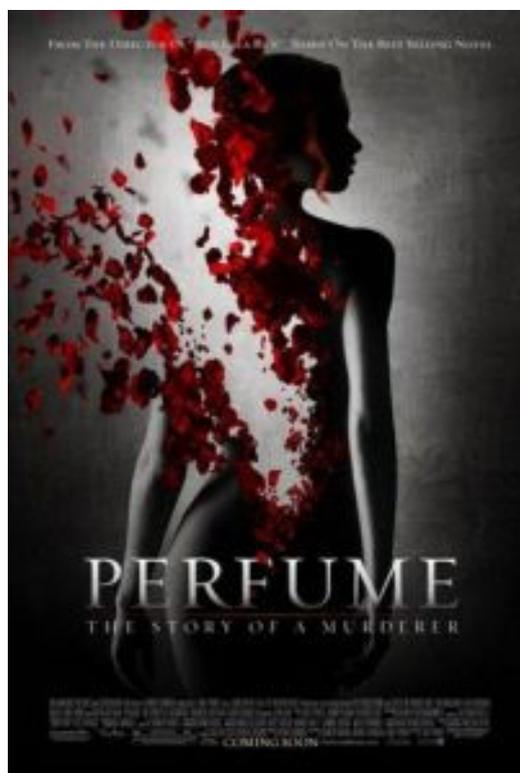
instantânea, que era colocada fora do circuito tão logo o sinal parasse de ser emitido.

Nessa época, o direcionamento dos instintos sexuais masculinos era determinado pela periodicidade menstrual da mulher. Para Rey-Flaud, esse estágio arcaico constitui a “era anal” da humanidade marcada pelo primado do olfato. A segunda “idade” da espécie foi iniciada quando num certo momento da sua evolução o homem, de quadrúpede que era, se ergueu na posição vertical: modificação de postura decisiva, pois destituiu o olfato em benefício do olhar, o que confirma o afastamento das mulheres durante o período da menstruação, traduzindo a rejeição do signo enquanto tal, quer dizer, “a instauração do recalque originário e o funcionamento da pulsão sustentada pelo significante” (2002). O olhar não se funda em uma relação imediata com o objeto, como o olfato, mas na ausência do objeto (olhar é procurar ver o que não está mais lá).

Assim, Jean Baptiste é o arquétipo desse humano arcaico, guiado pelo olfato, guiado por esta via de gozo, mas acorrentado ao mundo da visão e do simbólico. Por isso, sofre ainda mais por ter como dom um talento que quase não utilizamos mais enquanto raça, sujeitada à linguagem, à lei-do-pai.

Como arquétipo poético, bem poderíamos pensar em Jean Baptiste como signo de uma boa parcela do público educacional, os adolescentes. É bastante comum observarmos nos discursos sobre a adolescência e nas representações construídas pelas mídias sobre a juventude, o retrato do adolescente como sujeitos sempre em posição de gozo frente ao universo adulto, usufruindo da boa vontade desses para com eles, com o intuito de

subverter a ordem e a própria lei. Os adolescentes são esses sujeitos estranhos, sem lugar, que parecem enxergar e se posicionar no mundo de uma maneira diferente, estranha. É óbvio que o lugar do adolescente na sociedade contemporânea não é agradável, nem para quem está assujeitado a essa nomenclatura, nem para aqueles que a impõe. Ainda mais quando esse conflito discursivo é criado posicionando os primeiros como aqueles que precisam ser salvos de distorcer a forma como o mundo funciona.



No filme, o conflito entre o paradigma social e a perspectiva de Jean Baptiste é bastante marcado com a postura do mesmo que ignora as belas imagens visuais com as quais o diretor tenta hipnotizar os telespectadores. Jean Baptiste, indiferente a elas, prefere de olhos fechados deixar-se guiar pelo seu nariz. Na vida cotidiana, é comum na fala dos educadores, ouvirmos queixas sobre o comportamento dos alunos: “Eles não querem saber de nada”.

Parece que nossos alunos também estão de olhos fechados dentro da escola.

Porém, em uma das cenas iniciais do filme, fica claro a dificuldade do personagem protagonista em conciliar os dois mundos – o do olfato e o da linguagem. Jean Baptiste aprendera a falar tardiamente, e por isso sempre lhe fora mais fácil explorar o mundo através de seu nariz. Essa situação ainda se agrava quando, sentado no quintal do orfanato em que cresceu, descobriu frustradamente que a linguagem comum era inadequada para as experiências olfativas que se acumulavam dentro dele. Muito cedo, ele já aprendera o buraco que a linguagem deixa dentro de cada indivíduo.

Essa constante invasão dos aromas e odores na vida do pequeno Jean Baptiste deixa claro como a pulsão, sorratamente, invade o campo social. Podemos aprender a duras penas a sublimá-la, mas nunca silenciá-la. Em *Perfume*, esse dilema do cheiro que a tudo comporta e da linguagem que a vida deforma, nos exemplifica com clareza o princípio ordenador da gênese, do funcionamento e da destruição da civilização. É a promessa do fim da espécie humana pelo próprio processo civilizador que abarca forças tão opostas como base estrutural.

Freud (1929) afirma que o ser humano engaja-se na vida estimando que no início foi roubado, convicto que nenhuma gratificação poderá retirar esse sentimento, posto que, como compensação do objeto primordial perdido, receberá apenas artifícios substantivos. A civilização é:

o lugar no qual durante um momento a criança realiza a experiência de que deve, a pedido do outro, aceitar perder uma parte de seu corpo, segundo um protocolo estabelecido de regras e ritos para

poder ter acesso à lei de troca, introdução acabada quando, pela via do recalçado, ela renuncia ao gozo de seu cheiro para aceitar os odores culturalizados dos outros (REY-FLAUD, 2002).

Enriquez (1990) esclarece que tanto em *Totem e tabu* (1913) como em *O mal-estar na Cultura* (1929), Freud aborda o núcleo da questão do laço social. Para ele, a felicidade plena ligada ao princípio do prazer é irrealizável porque o princípio do prazer aponta para a eliminação total da tensão (que em sua ausência máxima é a morte). Dessa forma, a felicidade plena desejada por todo sujeito é da ordem do impossível. É necessário, também, ressaltar que o princípio da realidade impõe que nem todos os impulsos podem ser satisfeitos imediatamente, e, ainda, que boa parte deles nem sequer poderão ser realizados. A forma de felicidade possível estaria do lado da tentativa de eliminação da tensão pela via da satisfação adiada, ou por uma satisfação substitutiva.

Freud (1929) teoriza sobre a renúncia pulsional, posicionando-a no alicerce do social, ao afirmar que a proibição ao incesto pela civilização seria a renúncia primordial. A ordem social deve sobressair-se à ordem individual. A vida em comunidade pede o sacrifício das pulsões, para que possa haver um certo compartilhamento social.

Para Rey-Flaud (2002), a expressão do desejo, reconhecidamente denominada por Freud de libido, é um obstáculo para o progresso da cultura já que essa não se satisfaz apenas com associações de poucos sujeitos, mas requer relações entre o maior número possível de pessoas. Assim, as relações sociais exigem uma inibição da libido em sua intencionalidade sexual. Ou seja, a “realização desses laços exige restrição da vida sexual”. Da mesma forma, para

também se possibilitar a vida em sociedade, a agressividade precisa ser tolhida. Nota-se, então, que a cultura promove a batalha entre a exigência do laço social, pulsão de vida (Eros), e a restrição daquilo que ameaça esses laços, pulsão de destruição (Tânatos).

Voltando ao filme, diante dessa limitação da Lei-do-Pai que fundou a civilização, que ergueu o homem de sua postura quadrúpede, que gerou a primazia da visão/símbolo, Jean Baptiste se sente frustrado, ciente que possui um dom que parece ter sido dado só para ele. Talvez sustentado pelo ódio da castração dos aromas frente à linguagem, Jean passa a sonhar com uma língua impecável, fundada na exclusão da falta, em que seu nariz pudesse dizer, através do olfato, a “coisa toda”.

Seria Jean Baptiste tão diferente de todos nós? Não adoraríamos preencher por completo aquilo que nos falta, saciando nossa sede e encontrando a felicidade plena? E, se verdadeiramente acreditássemos na possibilidade desse feito, não faríamos de tudo para tentar conquistá-lo?

Anos mais tarde, já em sua juventude, Jean trabalhava na noite parisiense, quando sente seu mundo ser invadido novamente por um cheiro até então nunca sentido, o cheiro de uma mulher. Aquele intoxicante poder do aroma de uma garota, de repente, deixou claro porque ele havia sobrevivido nesse mundo fétido de modo tão tenaz e selvagem. A marcha da civilização é atravessada pelas consequências da ação de Eros, pois no labor mecânico cotidiano, nosso herói sente o cheiro da feminilidade.

Aquela bela jovem que, mesmo exercendo seu ofício civilizado, era capaz de emanar tamanho aroma

sedutor, exemplifica perfeitamente o ideário de Freud sobre o sexo feminino. A mulher é a guardiã dos valores eróticos que sempre resistirão à corrente civilizadora, que lhes rouba uma parte da libido de seus companheiros. A mulher diz a verdade sobre o amor, pois é através de seu discurso, de seus gestos, que o homem é reconhecido como aquele que possui a potência e que pode proporcionar o gozo.

Nessa ordem civilizadora que privilegia o homem, a mulher terá sempre a tendência de aparecer como intrusa que perturba a ordem/tranquilidade da relação homossexual desinibida. A mulher relembra que o incesto é sempre possível, que a lei pode ser quebrada.

No decorrer dessa cena, Jean Baptiste hipnotizado por aquele cheiro, aproxima-se da garota que vendia pêssegos em uma rua escura. Ela pergunta: “O que quer?”. Ele nada fala. Sua obstinação é capturar tudo que aquele aroma pudesse lhe oferecer. Nesse fulgor, ele a agarra em seus braços, a garota debate-se e acaba morrendo sufocada. Após sua morte, o seu cheiro desaparece e Jean desespera-se por tê-lo perdido. Mas agora o significado e objetivo de sua vida tinham um destino maior. Ele foi capaz de sentir algo que a tudo parecia completar. A partir de então seu destino seria aprender a preservar o aroma para nunca mais perder uma beleza tão sublime.

Porém, a civilização, essa soma integral de realizações e regulamentações que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados, para a psicanálise, tem duas finalidades: proteger o homem da natureza e ajustar os relacionamentos mútuos entre eles. Rey-Flaud (2002) pontua que a vida em comum só é possível se, ao invés de reinarem as relações de força que fazem prevalecer o

arbitrio e as pulsões não-domesticadas, dominarmos as relações codificadas, que designam a cada um seu lugar, obrigações e deveres. Aquilo que é transformado em direito justo, não é violado em favor de um indivíduo. Obviamente isso conduz à perda da liberdade individual, que não constitui um dom da civilização.

A interdição ao incesto é o resultado do pacto entre irmãos e é o primeiro ataque ao vínculo do amor. Ou seja, a civilização emerge do recalque do primeiro amor. E não para aí, ela impõe restrições cada vez maiores como se temesse que a menor fissura pudesse levar a um verdadeiro transbordamento da sexualidade.

O assassinato do pai primevo foi a sequência fundadora da recusa do amor e da apropriação exclusiva das mulheres. A civilização nasceu então do crime e do desejo de amor, estritamente ligados. Para impedir que novos crimes aconteçam é preciso fazer calar o amor, calar a pulsão, ou pelo menos canalizá-la. O vínculo erótico é um vínculo perigoso, e então é necessário amordaçá-lo. Enquanto antagonista de Eros, a civilização usa a máscara de Tânatos.

Quando a pulsão nos invade, quando testemunhamos o encontro com aquele aroma tão sedutor e fora da lei, como Jean, somos impelidos a não nos importar com mais nada, estamos dispostos a correr todos os riscos, enfrentar tudo e todos, romper o pacto de irmãos para obter o que queremos, a permanência do êxtase do contato com aquele cheiro.

A partir de então, Jean Baptiste começa a se portar numa liberdade quase no estado natural, na afirmação de si contra todos. Mas ainda confinado num mundo de signos, ele precisaria de um mestre.

Um mestre capaz de ensiná-lo a capturar o aroma e reprisá-lo para sempre. De alguém que soubesse como manter o gozo. Não é isso que os mestres representam em nossa cultura? Aqueles portadores de um conhecimento capaz de nos conduzir a um outro estágio? A um outro lugar aonde possamos ser mais realizados e felizes?

Em sua busca, Jean encontra um famoso perfumista italiano, Giuseppe Baldini. Esse mestre, em todo *glamour* de sua impostura, deixa transparecer a todos que ele, por sua conta, ultrapassou a castração e é a promessa da possibilidade de Jean ver seu desejo concretizado. Por isso ele solicita ao mestre: “ensine-me tudo que sabe que lhe farei o melhor perfume do mundo.”

Porém, o que o mestre tem a oferecer a Jean são as limitações de seu ofício, que na verdade se traduz como um dispositivo que pretende amalgamar o sujeito à sociedade. Os aromas que podem ser produzidos na perfumaria do Mestre são aqueles dentro de um leque pré-estabelecido socialmente, aqueles que não dizem nada frente ao que Jean deseja.

Quando Giuseppe flagra Jean tentando extrair o aroma de um gato, ele esbravejando pergunta ao pupilo que tipo de ser humano ele era. E impõe o interdito da impossibilidade de se fazer perfume de um animal ou ser humano. Decepcionado, Jean cai doente em uma cama e quase morre. O tutor, preocupado com o estado de saúde do pupilo, diz-lhe haver uma possibilidade de fazer o que ele queria. Uma nova técnica seria capaz de preservar o aroma através da destilação, mas essa técnica Giuseppe desconhecia.

Numa passagem que brinca com a idéia de que, no fundo, todos nós seres humanos só conseguimos forças para

continuar a vida diante do sonho de viver fora da lei, de buscar a satisfação total de nossas pulsões, Jean recupera a força de viver e parte em busca dessa nova possibilidade de capturar e reprimir o aroma.

Na cultura, são as figuras de autoridade, que transitam na vida da criança e do jovem, àqueles a quem foi delegado o papel de transmitir essa herança. O professor é um intérprete do mundo, aquele a quem cabe a tarefa de explicar a seu público o que eles vêem. E é óbvio que esta tarefa não deixa de ter a função de garantir uma moldura civilizante (e moralizante) do que é exposto. A escola, junto aos pais, exerce a função de colocar borda no desejo, de limitá-lo, de justificar essa limitação, de transmiti-la como ideal, como chave do sucesso e requisito básico para a felicidade.

Porém, há bastante tempo, a função do educador já não se encontra bem alinhada ao semblante do mestre (PEREIRA, 2008). Mesmo a instituição escolar ainda gozando de seu reconhecimento social, o tablado na qual se ergue para proferir seus discursos parece estar ameaçado de ruir. Ela tenta, com todas as suas forças, manter-se firme. Está aberta a discutir novas metodologias, elaborar estudos e estatísticas, criar e difundir novos paradigmas. Porém, no fim, a maioria das promessas que as escolas têm a oferecer aos seus alunos já parece furada de saída.

Indagamos que entre todos os novos modismos e esforços, quando as instituições escolares são chamadas a responder ao público adolescente a única pergunta que faz sentido para eles no momento (o que eu preciso fazer para ser?), ou seja, as questões acerca de sua sexualidade, desse aroma enebriante que avassaladoramente os desperta para a vida, a escola recua e reafirma o

discurso civilizante. Para tanto, ela reforça seu semblante de verdade, de caminho. Não fazemos isso por maldade, por egoísmo frente ao conhecimento, ou qualquer coisa do gênero, fazemos isso porque somos pegos pelados em praça pública. Diferente do adolescente, já aprendemos com o tempo que o preço de um bom semblante de mestre requer fingir saber que tudo sabemos, fingir que somos felizes e plenos, que preenchemos as lacunas.

Testemunhas barulhentas dessa tentativa constante de fingir ser o que não somos e saber aquilo que sequer conhecemos, os alunos apontam os buracos no quebra-cabeça e se distanciam daquilo que Jean Baptiste, mesmo em sua loucura e egoísmo de objetivos ousou dizer: “ensine-me tudo que sabe que lhe farei o melhor perfume do mundo.”

É claro que dentro do ofício da docência encontramos alunos que podem nos tranquilizar, nos dizer com sua suposta sujeição ao poder da mestria, que esse mundo hegemônico, igual, fraterno e livre é possível. Porém existem também aqueles outros que poderão lançar-nos na vertigem do precipício das diferenças. Rasgar o véu que encobre o imaginário ao demonstrar que não somos tão iguais, fraternos e livres como fingimos ser. Esses alunos despertam no professor o que há nele de mais agudo e essencial, trazendo à tona, numa brecha fulgurante, o que faz dele, também, um sujeito castrado.

Todavia, talvez falte ao docente contemporâneo a compreensão que o mestre de Jean no filme pareceu portar. Ao ver seu discípulo moribundo, não permitiu que o desejo dele morresse e apontou novas direções. Desistiu de seu papel de portador da verdade absoluta e parou de tentar convencê-lo de que sua arte era melhor, que o desejo de Jean era

ilógico e impossível. Ele simplesmente permitiu, talvez pela primeira vez, que a palavra substituísse o lugar do cheiro para Jean; que a linguagem entrasse em ação e que o desejo de seu aluno circulasse livremente.

Um mestre que sabe ser mestre é aquele que compreende, como dizia Pessoa (2001), que somos o intervalo entre o nosso desejo e aquilo que o desejo dos outros fez de nós. E, por isso mesmo, permite-se agir nesse intervalo frente ao precipício que o real nos empurra. Esse lugar aonde o que foi perdido não será encontrado na imposição do meu desejo frente ao silenciamento do outro.

Frente ao abismo, o mestre sabe que todos estão acuados diante da castração. Diante disso, quem sabe, possamos permitir, conforme roga a Psicanálise, interditar o olhar, esse que busca ver aquilo que já se foi, para posicionar no centro da questão a fala do sujeito. É pela palavra e apenas por ela que se pode ab-reagir os afetos, construir-se novas histórias, possibilitar novos vínculos e promover laços.

Porém, onde há um mestre imposto a palavra não encontra lugar para circular livre. Restará, então, sujeitos seduzidos pela catarse do efêmero, devido à impossibilidade do desejo, que sorrateiramente invade o ambiente arrastando todos ao gozo dos sentidos.

Por não se traduzir em palavras, esse odor, esse resto que sobra das equações humanas, atravessa o roteiro da sala de aula como um fantasma que marca a presença de algo que não se vê, não se fala, mas que ainda se impõe ao sujeito; como enigma, algo eternamente insondável, compondo uma variável importantíssima para os resultados objetivados.

Daí, alguns professores, entorpecidos por esse odor invisível, abusarem de seu

poder; ou optarem por tampar o nariz e fingir que nada de estranho está acontecendo. Já entre os alunos, alguns se rebelam, zombam, esbravejam e até partem para a violência. Outros, como Jean Baptiste, entregam-se à morte da indiferença e tornam-se mortos-vivos dentro da escola.

Quem sabe, frente à beira do abismo, se possa permitir que a escola transforme-se neste palco no qual o desejo da pergunta do aluno seja encenado; que sejamos não os mestres que respondem, mas aqueles que escutam, permitindo ao jovem refletir frente a suas próprias implicações, argumentos e construções de paradigmas; que o conhecimento não se dê no dogma, mas na palavra que circula, construindo-o; que possamos, como Giuseppe Baldini, redespertar em nossos alunos moribundos o desejo de viver o desejo do saber novamente.

Referências

ENRIQUEZ, E. **Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social**. Tradução: Teresa Cristina Carreteiro e Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

FREUD, S. Totem e tabu. In: **Edição eletrônica brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000 (original de 1913).

_____. O mal-estar na Cultura. In: **Edição eletrônica brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000 (original de 1929).

LE RIDER, J.L.; PLON, M.; RAULET, G.; REY-FLAUD, H. **Em torno de "O Mal-estar na Cultura", de Freud**. São Paulo: Escuta, 2002.

PEREIRA, M.R. **A impostura do mestre**. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

_____. A Boina Alienígena: sujeito, identidade e diversidade cultural. In: **Presença Pedagógica**, v. 9, n. 51. Mai./jun. 2003.

PESSOA, F. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.